
QUEM ESTÁ, TEOLOGIA OU FILOSOFIA?

Jessé Pereira da Silva

RESUMO

Este pequeno ensaio procura mostrar que a pergunta do título não faz sentido, pois teologia e filosofia, religião e conhecimento, estão mutuamente relacionados. Isto pode ser testado a partir da questão do significado do ser, que preocupa todo ser humano.

Palavras-chave: teologia, filosofia, metafísica, ser, religião

ABSTRACT

This short essay aims at showing that the title's question has no meaning, as Theology and Philosophy, or religion and knowledge, are mutually related. This can be tested starting from the question of the meaning of being, which concerns everybody.

Key-words: Theology, Philosophy, Metaphysics, being, religion

Se nos debruçarmos na longa discussão tillichiana quanto à relação entre teologia e filosofia, parece ficar claro que não faz sentido fazer a pergunta “*quem está certa, a teologia ou a filosofia?*”. O que devemos fazer, como em todo fenômeno relacional, é verificar o momento ou a importância do tipo de relação à que as duas ciências estão submetidas de época para época e com quais critérios podemos fazer tal verificação. Talvez a maior importância de todo do pensamento de Tillich a este respeito não seja meramente a grande relevância de seu caráter normativo, mas muito mais, a impossibilidade de tratarmos esta questão sem antes declararmos as bases ou os pressupostos de que previamente lançamos mão ao tratá-la, e que determinarão em última análise nossa visão.

Consideradas no universo das disciplinas metodológicas (inseridas no universo das ciências do pensamento, do ser e da cultura), a filosofia do sentido (*Sinnphilosophie*) é o fundamento de todo sistema das ciências; a metafísica é o esforço de expressar o Incondicional em termos de símbolos racionais; e a teologia é a metafísica teônoma.¹ A teologia reivindica que o caráter teonômico do pensamento – ou seja, o pensamento como tal

¹ TILLICH, Paul. *On the boundaries*. London, Collins, 1967, p. 55

está enraizado no absoluto como o fundamento e abismo do sentido. A teologia toma como seu explícito objeto aquilo que é pressuposto implícito de todo conhecimento. Dessa forma, teologia e filosofia, religião e conhecimento estão mutuamente abraçados. Enfatizando a relevância existencial da relação entre filosofia e teologia, Tillich chega a dizer que “a filosofia existencial faz de um modo novo e radical a pergunta cuja resposta é dada à (e não pela) fé na teologia.”²

A questão do relacionamento entre filosofia e teologia tem sido muito desdenhada ultimamente em nosso contexto contemporâneo, porque ela, em última análise, se relaciona com a questão da “filosofia primeira”, envolvendo o retorno à metafísica – uma questão considerada hoje como ultrapassada e fora de moda. O prefixo mágico “meta” na palavra metafísica é empregado para designar algo fora ou além da experiência humana, aberto à imaginação arbitrária, apesar de todo o mundo saber que significa apenas o livro que vem depois da física na coleção de Aristóteles. Quanto a isso, devemos dizer o seguinte: a questão do ser, que é a questão da filosofia primeira ou fundamental, refere-se ao que está mais próximo de nós do que qualquer outra coisa. Trata-se de nós mesmos na medida em que *somos* e na medida em que sendo seres humanos, somos capazes de perguntar o que significa esse fato de que *somos*.³ Já é tempo sim de abandonarmos a palavra “metafísica”, abusada e deformada. Mas hoje a negação da metafísica transformou-se em desculpa para propósitos pesados de modelos desarticuladores das possibilidades humanas e para a terrível superficialidade do pensamento, em face do qual a mitologia primitiva se mostra extremamente profunda.

Outra objeção atual contra a importância da questão do relacionamento entre filosofia e teologia é feita alegando-se que não é a ontologia a filosofia primeira, mas sim a epistemologia. Esta alegação está correta apenas parcialmente, pois a epistemologia não pode pretender existir sem a base ontológica. Não se pode ter o aparecimento sem o ser que aparece, ou o conhecimento sem o ser que é conhecido, ou a experiência sem o ser que é experimentado. Se fosse assim, aparecimento ou experiência haveriam de se transformar em novas palavras para “ser”, e o problema do ser passaria a ser discutido em termos diferentes.

Uma terceira objeção para a importância do relacionamento entre filosofia e teologia está na crítica cética de que o ser humano não tem possibilidade alguma de alcançar esta

² TILLICH, Paul. *On the boundaries*. Op. cit., p. 57

³ TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião – Traço a Traço Editorial, 1992, p. 114

suposta estrutura e significado do ser, e que o ser se revela na multiplicidade dos seres e no mundo no qual todos se ligam e se relacionam, mas tudo o que há são multiplicidades. Esta objeção está querendo dizer: “olhem para os minerais e para as flores, para os animais e para os seres humanos, para a história e para as artes, e aprendam a ver aí o que é o ser; mas não procurem saber o que é o ser acima dessas coisas. Na poesia, este argumento encontra sua expressão máxima nos versos do *Caeiro*, de Fernando Pessoa. Quanto a isto, declara Tillich, deve-se dizer o seguinte: ninguém pode proibir o ser humano de levantar a mais humana das questões; nem mesmo os mais fortes ditadores quando disfarçados nas vestes do positivismo humilde ou do empirismo mais modesto. Os seres humanos são mais do que aparatos destinados a registrar os assim chamados “fatos” e sua interdependência. Queremos *saber*, saber a respeito de nós mesmos jogados no ser, e conhecer os poderes e as estruturas que controlam este ser em nós mesmos e em nosso mundo. Queremos conhecer o significado do ser porque somos humanos e não apenas sujeitos epistemológicos. Transcendemos e sempre devemos transcender os sinais de não-ultrapassagem, cautelosamente erguidos pelo ceticismo e dogmaticamente mantidos pelo pragmatismo. O significado do ser é nossa preocupação básica – é a questão realmente humana e filosófica.

A unidade do ser entre homem e natureza é mais básica do que sua diferença na consciência e na liberdade. Quando uma teologia (ou uma filosofia) não consegue entender esta relação, passa necessariamente a oscilar entre moralismo e naturalismo. Mas *o ser* é mais do que natureza ou moral.

O mesmo pode ser dito quanto à religião. Tanto a crítica teológica como a crítica científico-filosófica com respeito à questão de que a religião é um aspecto do espírito humano, definem a religião como a relação do homem a seres divinos, cuja existência os teólogos afirmam e os científicos negam. Mas é exatamente esta idéia de religião que a torna impossível de qualquer compreensão. Não se chega a Deus com a questão se Ele existe ou não existe. Aliás, o afirmar que ele existe nos torna ainda mais distantes dele do que negá-lo. O Deus cuja existência ou não-existência possa ser discutida torna-se uma coisa ao lado de outras que integram o universo de objetos existentes. Se for assim, se justifica tanto afirmá-lo quanto negá-lo. É lamentável que os cientistas creiam ter refutado a religião quando apenas conseguiram demonstrar que não há prova alguma para a hipótese de que exista um tal ser. Infelizmente, muitos teólogos caem no mesmo erro. Começam sua mensagem com a afirmação de que há um ser superior chamado Deus, cujas revelações eles têm recebido, dando-lhes autoridade. Esses teólogos são mais perigosos para a religião do que os chamados

cientistas ateus. São eles os que dão os primeiros passos no caminho que conduz inevitavelmente ao ateísmo. Teólogos que tornam Deus um ser superior que dá a alguns indivíduos informação sobre si mesmo, provocam a inevitável resistência daqueles a quem dizem que devem submeter-se à autoridade de tais informações.

A Religião não é uma função especial da vida espiritual do homem, mas é a dimensão da profundidade em todas as suas funções. Ela não é moralidade ética, nem conhecimento puro, não é estética ou arte, nem mero sentimento subjetivo. A religião não precisa procurar por um lar. Está em casa em qualquer lugar – está na profundidade de todas as funções e na totalidade da vida espiritual do homem – naquilo que é último, infinito, incondicional de nossas preocupações. “Para onde nos ausentaremos de sua face?” Como tal, não é rejeitável pois só poderíamos fazê-lo em nome dela mesma. E é a partir deste prisma fundamental do olhar que tanto a filosofia quanto a teologia devem realizar suas tarefas.

Jessé Pereira da Silva é membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP.